

A pedagogia da água

José Irivaldo Alves O. Silva¹

Caro mestre Paulo Freire, Ao longo desses quase 20 anos que tenho experienciado a docência, deparo-me com uma aprendizagem impactante, tanto na minha vida como na dos meus alunos. Passei a estudar as dinâmicas e articulações que estão em torno da água. Nessa interação entre professor, objeto de estudo e alunos tenho visto que é preciso aprender a compreender melhor o que estamos estudando, partindo da importância para o outro.

Desse modo, Paulo, passo a entender melhor meu objeto de estudo, de pesquisa, que abordo nas minhas aulas, partindo da importância da água para o outro, sabendo que em torno dela há diversos interesses. Muitos silenciosos, outros explícitos, mas todos, de certo modo, têm algum interesse sobre ela.

Assim surge a compreensão que, muito além de um bem meramente econômico, a água é um direito humano. Sim, Paulo, um direito de todos, o que significa que nenhum ser vivo pode ficar sem água. Depois de diversas incursões com os alunos, todos nós aprendentes, passamos a compreender mais a natureza desse fenômeno. Entretanto, as pessoas ainda perguntam se a água é um direito mesmo. Talvez, diante da negação dessa premissa tão básica, elas nunca reconheceram essa relação com lastro no direito humano.

Devemos aprender com a própria dinâmica da água. Como ela surge, cai sobre a terra e volta formando nuvens num verdadeiro ciclo, meio a declarar

¹ Professor da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). Professor do curso de graduação em Gestão Pública e dos programas de pós-graduação em Gestão e Regulação dos Recursos Hídricos (ProfÁgua), em Administração Pública (Profiap), em Administração (PPGA) e Direitos Humanos e Desenvolvimento (PPGCJ/UFPB).

que a vida pede esse processo. Sem falar, Paulo, que a água depende das florestas e da forma como nos organizamos ao longo de uma bacia hidrográfica. Todos esses elementos podem ser utilizados no processo de ensino aprendizagem para apresentar aos nossos alunos como é importante mantermos a sinergia dos elementos da natureza e que todos realizam funções e estão interligados formando a vida.

Caro Paulo, parece-me que ao contextualizar o processo pedagógico através dos seus escritos, estavas abordando uma nova racionalidade para ensinar a aprender e aprender a ensinar. Sendo assim, isso me fez enxergar que a água e seus fluxos pode nos levar a compreender a dinâmica de rios, córregos, lagos, aquíferos e mares. Isso é extraordinário! Ensinado através de mapas, apresentando-se os territórios impulsionados pela existência da água e aqueles que, mesmo sem ela, tem uma vida pulsante. Aqui, podemos lembrar do espaço em que estamos, do lugar de onde falamos, o semiárido, que é palco de uma realidade difícil de escassez desse líquido que nos ensina a resiliência necessária para o viver. Sim, a água está a nos ensinar todos os dias, em todos os momentos que se tem oportunidade de falar sobre ela e tudo que a rodeia.

Ensinamos que a água não é apenas a vida, mas simboliza a assimetria de interesses e de poder. Controlá-la, significa ter poder, que circunda as relações daqueles que dependem dela para suas atividades e subsistência. Diante de tantas desigualdades existentes em nosso povo, ainda convivemos com milhares, bilhões de pessoas que ainda não tem acesso direto à água. Outro tanto que precisa percorrer grandes distâncias para acessar esse líquido vital.

Porém, é no semiárido que parece que aprendemos a dar um valor extraordinário à água, talvez em virtude da sua escassez, bem como das histórias de secas e sofrimentos dos nossos familiares que deixaram o campo para viver na cidade, pois aí, talvez tivessem acesso a ela como não tinham lá. É Paulo, o campo na semiaridez ficaria esquecido, se não fossem programas públicos com a intenção de construir cisternas em sistema de mutirão, o que garantiu água, seja pela pouca chuva que era reservada, ou mesmo através do carro pipa, que de tempos em tempos chega nas portas desses irmãos do campo.

A água que para muitos em diversas regiões desse Brasil abunda, para o homem do campo e da cidade no semiárido é escassa. Porém, Paulo, o tempo está mudando, a água está escasseando no mundo inteiro. A injustiça

hídrica permeia de forma patente muitos países, principalmente da periferia do mundo, o que significa dizer que muitos não tem acesso às condições de vida dignas e básicas para um ser humano. Dentre os quais, o acesso à água, a coleta e o tratamento de esgotos. Pasmem, muitos não tem nem banheiro, ainda defecam em buracos na terra, as mulheres e meninas fazem suas necessidade a céu aberto. Isso....em pleno século XXI ainda temos um quadro social desafiador.

Pois é Paulo, qual seria a saída? Pensando nisso, olho novamente para a água e incentivo meus alunos a olharem também, para daí vermos o fluxo dela renovando-se. É preciso pensar que as nossas vidas são como esse fluir, precisamos seguir, embora o caminho seja difícil, com obstáculos quase intransponíveis. Então, o que a água nos ensina é a resiliência, buscar nos refazer, resistir e renascer nesse processo.

Ademais, a água nos faz pensar que existe um ciclo a ser respeitado, a ser compreendido, que não pode estar a serviço apenas do desenvolvimento como crescimento, mas de um desenvolvimento humano que seja integral. A água não vem pela metade, embora nós humanos tenhamos interferido nos processos de produção desse líquido, chamado por muitos de “ouro azul. Essa interferência gera constrangimentos em quem tem consciência de sua importância para toda forma de vida no planeta. Isso não é coisa simples....pois o homem, capaz de percorrer o universo em busca de água para saber se tem outras formas de vida, também é o único ser que destrói o seu habitat, não só para sua manutenção, mas para acumulação. Os tempos são tão difíceis que incentivo meus alunos a pensar como as relações estão dispostas e como esse líquido é central nos processos humanos de convivência. Partindo daí é possível compreender porque chegamos a um ponto na história da humanidade em que ela pode se transformar em grande *commodity*, similar ao petróleo, ofertada na bolsa, quando, na verdade, está disposta “livremente” na natureza. Como ensinar isso aos nossos alunos?

Daí Paulo, isso faz parte do processo de construção das relações humanas em que o homem foi protagonista e escolheu o modelo de vida que gostaria de implementar. Claro que é pertinente perguntar quem escolheu e construiu o modelo? Para quem foi construído? Sempre me pergunto de que forma uma determinada política pública beneficia a população, quais são os interesses envolvidos, quais os impactos? São questões cruciais, pois o cenário pode

não estar tão claro para todos, sendo necessário descortiná-lo para que todos vejam os atores envolvidos.

Uma coisa é verdade Paulo, a participação da população em qualquer processo que envolva a gestão de recursos hídricos é fundamental. Mas não vejo essa participação ocorrendo a contento. Ademais, estamos falando de um bem que é comum, único e que é essencial à vida. Portanto, interessa a todos o modo como ela vem sendo usada e compartilhada. Sim, a palavra de ordem é compartilhamento desses bens comuns inestimáveis e não a valoração econômica deles. No momento em que valoramos economicamente determinados bens, há o risco de transformá-los em mercadoria. E, sinceramente, não creio que a água possa ser objeto de algum negócio como se fosse uma mercadoria.

Paulo, busco reforçar através de uma pedagogia da água que é essencial o fortalecimento do Estado como mediador entre sociedade e mercado. Isso se externaliza através da compreensão do ciclo natural desse fluido no qual compreendemos que isso não pode ser limitado a um valor monetário, disponibilizado na bolsa de valores, sendo um bem inestimável. Água é bênção nas nossas vidas, dádiva, em sendo assim não pode ser objeto de negociações de grande vulto. Para muitos, parece fácil entender o valor econômico desse recurso hídrico. Porém isso ocorre porque essas pessoas não se submeteram à pedagogia da água.

Essa pedagogia é baseada nos ensinamentos que o ciclo natural da água nos traz e na noção de sistema que está ínsito na compreensão do processo de sua produção. Isso nos transmite as dinâmicas interconectadas existentes na natureza e que o equilíbrio dessa, em sendo afetado, prejudicaria todo o processo. A pedagogia convencional parece que transmite a água como sendo algo dado, sem demonstrar o que está por trás ou a complexidade existente nos arranjos e dinâmicas estabelecidas. Por isso é fundamental promover, Paulo, uma transição entre uma pedagogia convencional para uma proposta de pedagogia da água. Isso é essencial na medida que queremos sensibilizar gerações para a crise que está nos envolvendo e toda a humanidade.

A pedagogia da água chama a atenção para um cenário de crise que não foi naturalmente dado, mas construído pela ação do homem, levando-se em conta as relações de poder existentes e a busca pela maximização dos lucros. O processo de produção desse inestimável fluido nos ensina que a nossa vida é um processo que é interdependente de outros e não algo açodado, como a

ânsia do homem em ganhar muito mais dinheiro do que possa gastar, tentando viver o hoje sem se importar com o amanhã e as demais gerações que virão, uma vez que elas também possuem um direito a ser resguardado.

Paulo, quando compreendemos que no mundo da política foi muito difícil aprovar o direito humano à água e ao saneamento, mesmo sabendo que este faz parte dos direitos que concretizam o direito à plenitude da vida, conseguimos entender os reais interesses de parte da humanidade. Portanto, falar a partir de uma pedagogia da água também é se insurgir à naturalização da água como mercadoria apenas. Mas é uma tarefa muito difícil, pois está ficando cada vez mais complexo estabelecer um debate que privilegie o interesse coletivo. Há uma espécie de racismo frente ao fornecimento da água, nem todos tem acesso. Isso piora quando se pensa numa água de qualidade, na coleta e tratamento de esgotos para que o meio ambiente não seja poluído.

É um racismo hídrico, na verdade. A política de universalização não chega a todos, infelizmente. A falta de água prejudica uma série de atividades e, principalmente, não deixa que o homem e a mulher tenham sua dignidade, que está garantida na Constituição, mas parece muito mais uma “letra morta”. Mas é verdade Paulo, para que o homem e a mulher tenham dignidade eles precisam de água suficiente para suas necessidade básicas.

Querido Paulo, os números demonstram que a causa da crise não advém exclusivamente das pessoas. Elas, na verdade, são vítimas de um Estado que não tem políticas públicas estruturantes, e que o maior uso e consumo de água está na agricultura e na indústria. Portanto, é preciso repensar esse processo de culpabilização da população pela escassez ou poluição de água. Não temos saneamento para todos, sendo a coleta e o tratamento de esgotos deficitários. O saneamento rural é praticamente inexistente e não se tem uma política consistente para esse setor.

Por isso Paulo, escrevo-lhe para compartilhar essa experiência que tem como base em parte de seus ensinamentos. Já adianto, continuo nesse processo de aplicação da pedagogia da água.

Abraços!

Sumé (PB), julho de 2021.